

Algumas considerações sobre o obsceno nos rituais africanos*

Kabengele
Munanga

Kabengele Munanga.
Professor Emérito do
Departamento de Antropo-
logia Social da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade
de São Paulo, Professor
Sênior do Centro de Estudos
Africanos da FFLCH-USP
e Pesquisador Emérito do
CNPQ. Doutor Honoris Causa
da Universidade Federal do
Rio de Janeiro e da Universi-
dade Federal do Recôncavo da
Bahia, entre outros títulos e
prêmios. kabe@usp.br
35/0101-3106.v47n79.04

* Este artigo foi original-
mente publicado em Ferreira,
J.P. e Milanesi, L. (1985)
*O obsceno: jornadas imperti-
nentes*. Hucitec. A permissão
para republicação foi gentil-
mente concedida pelo autor e
pela editora Hucitec.

1 A literatura ocidental tem
tendência exagerada em apre-
sentar uma África negra cujas
culturas foram destruídas
pelo contato com a civilização
ocidental. É verdade que as
cidades africanas atuais são
apontadas como domínios
de mudanças espetaculares,
onde as culturas africanas
têm pouquíssimas chances
de sobreviver por causa da
industrialização, da presença

No mundo negro africano tradicional¹, o obsceno é geralmente asso-
ciado ao sexo. Todas as questões relacionadas com o sexo, os termos
para designar os atributos sexuais do homem e da mulher, certas partes
do corpo etc. são objetos de um certo respeito, de uma certa descri-
ção. Isso porque o sexo evoca a fecundidade, a origem da vida. Essa
importância do sexo é bem ilustrada na arte africana, particularmente
na escultura, sendo muito sexualizada, pelo fato de que os atributos do
sexo são muitas vezes mais acentuados que as outras partes do corpo².

Quaisquer palavras, gesto ou comportamento que evoquem o sexo,
a sexualidade, são considerados obscenos, quando realizados fora do
contexto ritual e socialmente preestabelecido. A maior ofensa que se
pode fazer a alguém é nomear o sexo dos pais, particularmente o da
mãe. É geralmente um grande motivo para conflitos sociais, de brigas
pessoais e de duelos nas sociedades negro-africanas. Quando, por um
motivo de desobediência ou por falta de respeito, um pai ou uma mãe
querem amaldiçoar um filho, basta pronunciar uma fórmula de mal-
dição, ou simplesmente nomear os atributos de seu sexo, ou ficar nu.

Portanto, há várias circunstâncias sociais e rituais, durante as quais
as palavras, os gestos ou atitudes obscenas são admitidos ou mesmo
obrigatórios. É o caso entre outros da relação de brincadeira que exis-
te entre certas categorias de parentes em todas as sociedades africanas
negras, por exemplo, entre tios e sobrinhos, netos e avós, etc. Nesse
tipo de relação, que eu diria institucionalizada, um indivíduo pode
xingar outro evocando o sexo sem que este se sinta magoado ou dimi-
nuído e sem reprovação da sociedade envolvente. O obsceno torna-se
obrigatório no nascimento de gêmeos, em todos os ritos relacionados
com a iniciação desses; e em vários ritos de iniciação aos problemas
sexuais e matrimoniais, como a circuncisão, a puberdade, as primeiras
menstruações, a excisão etc. O caso dos gêmeos é o mais característico
da obscenidade em muitas sociedades negro-africanas. Com efeito, os
gêmeos são classificados na categoria das crianças ditas “anormais” ou
filhos da “desgraça”. Fazem parte das crianças anormais, entre outras,

as crianças cujos primeiros dentes a crescer aparecem primeiramente no maxilar superior em vez do maxilar inferior, os hermafroditas, os polidáctilos, os albinos, os gêmeos, os hidrocefalos, etc.

Tais crianças são no mesmo momento consideradas como misteriosas, daí a ambivalência que envolveu a sua presença na sociedade. Consideram-nos como alguém que dá azar, como a encarnação de espíritos extraviados. Dizem que, se fossem conservados, a calamidade aconteceria dentro da sociedade, a mortalidade aumentaria dentro da família ou ainda que seriam causa da morte dos chefes e dos antigos etc. As crenças a esse respeito são múltiplas segundo as sociedades. Duas soluções são possíveis nessas sociedades para resolver o problema causado por essas anomalias: ou suprimirem fisicamente as crianças anormais, ou as neutralizam ritualisticamente.

Entre os Basanga do Shaba (Zaire³), por exemplo, imediatamente após o nascimento dos gêmeos, os pais vão à casa do adivinho “nânga” que fará o que chamam “kusunga masá”, isto é, amuletos para protegerem os gêmeos contra certos feiticeiros e bruxos. Seus cordões umbilicais serão enterrados na bifurcação dos caminhos. A cada aparição da Lua nova, são levados para fora e entoam em sua honra canções obscenas. Depois de alguns dias, são apresentados ao chefe, dando presentes ao mesmo. Então, o chefe toma a bebida “kibuku”, que beberá em primeiro lugar e em seguida fará o “kyungu”, o mais velho dos gêmeos, beber e, enfim, o “kapyá”, o que nasceu depois. Os pais, que de forma alguma podiam ver o chefe antes da apresentação dos gêmeos, podem vê-lo, então, sem receio. Também podem cortar barba e cabelo, o que lhes era estritamente proibido antes da apresentação dos filhos ao chefe.

A vida inteira, os gêmeos devem ser tratados de maneira igual. Tudo que se dá aos pais e aos gêmeos, até mesmo a simples saudação, deve ser duplo. Quando morre um dos gêmeos, não choram. A primeira coisa que se deve fazer é chamar o adivinho que os imunizou ao nascerem. Este adivinho faz mais um amuleto para o defunto. O rosto dos pais e do defunto são pintados de caulim “pemba” branco. Durante a noite, as canções obscenas rompem a calma da aldeia. De vez em quando, essas canções são entrecortadas por fórmulas estereotipadas em conteúdo obsceno, que se chamam “kwiboleja”, literalmente, apodrecer. No dia seguinte, a criança é enterrada na bifurcação dos caminhos. É preciso notar que todo gêmeo, jovem ou velho, é sempre inumado na bifurcação.

Através dessa descrição, observa-se que os gêmeos não são apenas filhos da desgraça, mas também filhos misteriosos, filhos da Lua. Eis a razão de que, na ocasião de cada Lua nova, fazerem-nos sair e cantarem

maciça da escola e da ação do missionário. Portanto, se as cidades africanas conheceram com maior sucesso a descaracterização cultural, pelo menos aparentemente, o mesmo não aconteceu nos campos e nas aldeias africanas onde houve grande resistência cultural. Basta se afastar das cidades e dos itinerários turísticos e penetrar um pouco nas terras das etnias para se convencer de que o mundo negro-africano tradicional ainda não foi totalmente enterrado. Nesse sentido, o obsceno ritual analisado neste trabalho poderia ainda ser presenciado em alguns lugares dentro da África negra. Ver, a esse respeito, “As religiões africanas hoje e amanhã”, comunicação feita por nós no III Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos (ALADAA), Rio de Janeiro, de 1 a 5 de agosto de 1983.

2 Particularmente na estatuária da grande floresta africana, as características sexuais são esculpidas muito nitidamente. As formas redondas e angulares que se opõem em muitas estátuas, ali equilibram-se, evocando de modo não claramente consciente a feminilidade e a masculinidade. A estatuária africana é uma arte fortemente e profundamente sexualizada. O que não diminui de nenhum modo sua austeridade, pois o sexo ali é associado à fertilidade e não ao prazer. Ver, a esse respeito, Maquet (1966, pp. 93-120).

canções obscenas a fim de exortar essa força de procriação especial que se encontra na pessoa dos pais (Munanga, 1973). Consequentemente, os pais dos gêmeos têm a liberdade e mesmo a obrigação de usar palavras obscenas numa relação de brincadeira com qualquer pessoa da sociedade. Qualquer pessoa pode, quando se dirige aos pais dos gêmeos, utilizar linguagem obscena, evocando atributos sexuais espetaculares dos pais, xingá-los numa relação de brincadeira, sem que isso seja malvisto pela sociedade.

Entre os mesmos Basanga encontram-se cenas de obscenidade nos ritos de entronização dos chefes e nos ritos de herança das viúvas. Na entronização do chefe, por exemplo, há uma sequência ritual durante a qual o candidato, futuro chefe, é conduzido, pelos notáveis, ao recinto do chefe defunto, onde o aguardam as viúvas. Essas, vendo-o, dão o grito de aclamação. O candidato passa então ao lugar, ao lado das viúvas, nuas como ele, e lhes toca a mão no sexo, no ventre e nas coxas. Depois ele volta à primeira esposa do defunto para cumprir com ela relações sexuais rápidas (Munanga, 1977, pp. 266-291).

Independentemente dos pais e outros responsáveis institucionalizados, a socialização em várias sociedades africanas se prolonga durante os jogos entre crianças da mesma faixa etária. Notam-se atitudes e comportamentos obscenos durante esses jogos entre as crianças Basanga. Eis, a título de exemplos, algumas descrições (Munanga, 1973, pp. 615-616):

Jogo de “Masansa”: faz-se durante o dia entre crianças de sexos opostos. Elas se afastam um pouco do espaço habitacional e se retiram num lugar onde há menos presença das pessoas adultas. Ali, elas imitam a vida do casal. Os meninos constroem as casinhas para morar enquanto suas *parceiras/meninas* vão buscar a água, pilam a mandioca e preparam as refeições, cada uma para o dito esposo etc. Numa espécie de cama de folha, o casal dorme, fazendo movimentos que imitam o acasalamento ou o coito como se fossem homem e mulher adultos. Um outro menino do grupo, não tendo mulher e considerado como solteiro na aldeia, faz o papel do galo. Ele deve, por seu canto, acordar o casal do sono quando chegar uma madrugada imaginária.

Jogo de “katembo”: faz-se também à noite, à luz da Lua, entre rapazes e meninas. Eles dançam por dois, rebolando!

Jogo de “kânzà”: faz-se também à noite, à luz da Lua. Rapazes e moças dançam, acariciando-se e se tocando de vez em quando, seguindo a cadência da dança.

A prática de “kwikuna”: existe, mesmo atualmente entre as moças Basanga, a prática que consiste em esticamento dos grandes lábios. Um grupo de moças da mesma faixa etária se retira longe da aldeia, no

3 A região dos Basanga está compreendida entre 26° e 27° de longitude leste, 10° e 11° de latitude sul. No contexto etnopolítico do Zaire, com cerca de 250 grupos étnicos, os Basanga contam aproximadamente com uma população de 20.000 habitantes e encontram-se entre os menores grupos zairenses. Ver Wilmet (1959).

mato. Sentadas uma na frente da outra, pernas separadas, elas se esticam mutuamente o clitóris e os grandes lábios até no momento em que, depois de muitos dias de repetição, esses órgãos atinjam um certo alongamento. Juntamente com essa manobra, elas podem se deflorar, com uma raiz talhada em forma de pênis, elas forçam ligeiramente na vagina até conseguir atravessar o hímen. Lentamente e progressivamente, elas introduzem um dedo, dois dedos, três dedos, etc. Entender-se-á que essa prática é uma preparação ao casamento, pois os jovens Basanga preferem se casar com moças já defloradas.

Paralelamente às moças, os rapazes dedicam-se às práticas que visam o esticamento e o engrossamento do pênis, seja por aplicações locais das raízes e folhas de certas plantas, seja por decocção de folhas e raízes. Tudo isso com a finalidade de se prepararem para o casamento.

Se nos fosse permitido condensar em uma fórmula a lógica do obsceno nas sociedades africanas, dever-se-ia falar de ordem/desordem; profano/sagrado⁴.

O obsceno, nesse caso, interpretado como desordem e como profano, exerce uma função importante dentro da sociedade. Função sobre a qual até alguns autores, notadamente A. R. Radcliffe-Brown em “On Joking Relationship” (1940), tentaram uma explicação geral que, levando em conta os dados sociais, inspira-se na psicologia e, mais particularmente, na psicanálise. Para este autor, as brincadeiras, inclusive a obscenidade, respondem às necessidades psicológicas individuais, que se exprimem nos quadros sociais. Toda relação social e familiar determina sentimentos ambivalentes de antagonismo e amizade no indivíduo, o qual é dividido entre a situação que implica a “conjunção social” e a que favorece a “disjunção social”. Existem pelo menos dois meios de remediar as dificuldades criadas pela “disjunção social”:

- evitar relações com pessoas com as quais há o risco de se entrar em conflito;
- adotar para com elas uma atitude muito livre, a brincadeira, a obscenidade, que representa assim um modo regular e socializado de descarga.

Evidentemente, o obsceno levanta uma complexidade de questões que não podemos encarar apenas através da explicação de ordem psicossociológica. Os mecanismos políticos e religiosos devem entrar em jogo. Infelizmente, a insuficiência do material etnográfico à nossa disposição não nos permite nos aventurar até lá. No entanto, a função reguladora do obsceno nos parece patente.

4 Ver, a esse respeito, Thomas e Luneau (1975).



Resumo O presente estudo investiga a função reguladora do obsceno nas sociedades africanas, considerando sua dimensão coletiva, ao promover a coesão social, e sua relevância na resposta a necessidades psicológicas individuais. O material etnográfico apresentado revela uma lógica do obsceno estruturada na dualidade ordem-desordem / sagrado-profano.

Palavras-chave obsceno, rituais africanos, sociedades africanas, antropologia.

Some considerations on the obscene within African rituals

Abstract The present study investigates the regulatory function of the obscene in African societies, considering both its collective dimension, by promoting social cohesion, and its relevance in addressing individual psychological needs. The ethnographic material presented reveals a logic of the obscene structured around the duality of order-disorder / sacred-profane.

Keywords obscene, African rituals, African societies, anthropology.

Referências

- Maquet, J. (1966). *Les civilisations noires*. Marabout Université.
- Munanga, K. (1973). Rites, pratiques et croyances relatifs à l'enfance chez les Basanga du Shaba. In: *Zaire-Afrique*, 79, nov., pp. 543-556; 80, dec., pp. 607-624.
- _____. (1977) *Os Basanga de Shaba* (Tese de doutorado). USP, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.
- Wilmet, J. (1959). La répartition de la population dans la dépression Mufuvya-Lufira, Haut-Katanga. In: *Essai d'une géographie du peuplement en milieu tropical*. Mission-FULREAC.
- Radcliffe-Brown, A. R. (1940). On Joking Relationships. *Africa: Journal of the International African Institute*, 13(3), pp. 195-210.
- Thomas, L.V. e Luneau, R. (1975). *La terre africaine et ses religions*. Larousse Université, pp. 203-261.